

Nietzsche: crítica da “verdade” metafísica e afirmação da vida terrena.

Nietzsche: criticism of metaphysical “truth” and affirmation of earthly life

Aline Leite Grünewald¹
alinegrunewald@hotmail.com

Resumo

O estudo em questão tem como objetivo analisar dentro da concepção nietzschiana um tema filosófico de grande pertinência, a questão da verdade. Percorrendo algumas das ideias e concepções centrais da obra do filósofo alemão, desde a visão da Grécia pré-socrática, passando pela crítica à tradição filosófica, e se atendo à crítica ao cristianismo, mais especificamente em sua vinculação à metafísica, o artigo procura evidenciar como Nietzsche nega e desvaloriza o conceito de verdade da sociedade moderna. Após, assinala o que para o autor seria a verdadeira vida, possibilitada a partir do anúncio da morte de Deus, longe de escapes metafísicos.

Palavras-chave: Verdade; Vida; Nietzsche; Cristianismo; Filosofia.

Abstract

The aim of this study is to analyze, according to Nietzsche's view, a philosophical theme of great relevance, the problem of truth. Covering some ideas and central conceptions of the German philosopher's work, beginning with the view of the pre-Socratic Greece, going through the critic to the philosophical tradition and focusing on the critic of Christianity, more specifically to its connection to metaphysics, this paper aims to evince how Nietzsche denies and depreciates the concept of truth of modern society. Finally, it shows the author's view of what a true life would be like, without metaphysical escapes, which is made possible by the announcement of the death of God.

Keywords: Truth; Life; Nietzsche; Christianity, Philosophy.

¹ Graduada em Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora e aluna do curso de Ciência da Religião na mesma instituição.

Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para “verdade”, o primeiro a poder decidir. Como se em mim houvesse brotado uma segunda consciência, como se em mim “a vontade” houvesse acendido uma luz sob o declive pelo qual até então seguia... Declive – chamavam-no o “caminho à verdade”... Acabou-se todo o “impulso obscuro”, o homem bom precisamente era o que menos consciência tinha do caminho reto. E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto, o caminho para cima: apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura – eu sou o seu alegre mensageiro... Exatamente por isso sou também um destino (Nietzsche, 1995, P. 99-100).

Introdução

Crítico ferrenho a todos os âmbitos da sociedade moderna, Nietzsche é, sem dúvida, um dos pensadores mais provocativos. Declarou guerra a todos os domínios da civilização ocidental, e criticou a tradição filosófica. Para ele, a história da humanidade depois de Sócrates caminha para um constante distanciamento da relação íntima do homem com a vida. Além disso, a crise dos valores tradicionais desencadeada pela crença absoluta na ciência e no progresso, existente na sociedade moderna, poderiam levar o homem ao caos. Por isto, Nietzsche criticou valores antigos e pensou novos valores, defendeu uma nova maneira de se fazer um novo destino, onde o homem seria o responsável por retomar sua verdadeira natureza³, e no qual a vida teria valor sagrado.

O mais interessante, ou o ponto máximo da construção do pensamento nietzschiano é a afirmação e exaltação da vida. É partindo desta postura e negando aquilo que é contra ela, que Nietzsche subverte toda a crença na ciência, na filosofia, e na religião. Tal atitude coloca por terra alguns dos principais pilares daquilo que era considerado como verdade na sociedade moderna. Para Nietzsche, tudo aquilo que até então tinha sido contemplado como verdade passa a ser visto como mentira, o que conhecemos como verdade é apenas o valor metafísico vulgarizado. Assim, a questão da verdade se apresenta como um dos pontos mais interessantes dentro da obra do filósofo alemão.

O objetivo do presente artigo é então analisar o tema da verdade a partir de alguns aspectos dentro da evolução do pensamento de Nietzsche. A retomada da Grécia pré-socrática é um modo de reaver o que, para o autor, é a vida e a natureza do homem.

³ Considerando-se que para sua reflexão Nietzsche trabalha com critérios, é possível se falar em “verdadeira natureza”.

Apolo e Dionísio são tidos, desta maneira, como o princípio fisiológico, como a relação e o equilíbrio das forças que constituem o ser humano. Porém, foi por ocasião do surgimento da filosofia que algo com relação à vida se perdeu. Na visão do autor, foi Sócrates quem iniciou o período de decadência da humanidade, dando ênfase na racionalidade lógica. Platão, posteriormente, sistematizou a concepção metafísica que culminou na desvalorização do mundo sensível e na supervalorização do mundo ideal. A metafísica platônica associada à religião compõe o alvo de maior crítica de Nietzsche, o cristianismo. Assim, sua crítica a esta religião é articulada à crítica à própria metafísica platônica, que nega a realidade terrena, que nega a própria vida e os instintos. Com base nisso, o filósofo alemão amaldiçoa o cristianismo e sente a necessidade do anúncio da “morte de Deus”, que significaria se acabar com esse mundo ideal e sobrenatural. A partir de então, Nietzsche faz desmanchar aquilo que é considerado valor supremo e absoluto, a verdade, e nos oferece a fórmula para a retomada daquilo que ele entende como a verdadeira vida.

A vida e o ser humano para Nietzsche – Apolíneo e Dionisíaco

Inserida no contexto da modernidade a compreensão nietzschiana de seu século se sustentava na crítica da crença máxima na ciência. Para ele a ciência é problemática e questionável⁴. Empenhado na crítica à modernidade europeia, que sobrevalorizou a racionalidade em detrimento dos instintos, Nietzsche se debruça na tentativa de equilibrar o caráter racional e o caráter instintivo do ser humano⁵. Assim, em contraposição ao modelo moderno de pensamento, que tem seu germe com Sócrates e Platão, o autor retoma a Grécia pré-socrática, que é caracterizada pela arte, pela tragédia, pela mitologia, e pelos rituais dionisíacos, e que, acima de tudo, expressava a relação e o equilíbrio entre razão e instinto.

⁴ “O que consegui então apreender, algo terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, por certo, em todo caso um novo problema: hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável” (Nietzsche, 1992, p. 15).

⁵ Cf. Lotério, 2011, p.15.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche procura evidenciar como os gregos⁶ foram a mais bem sucedida espécie de gente que já existiu. Isto porque a civilização grega seduziu para o viver, necessitou da tragédia e da arte trágica, que é aceitação e exaltação da vida, que expressa a relação do homem com a natureza, com os instintos. De acordo com a concepção de Nietzsche, a vida é profunda dor e destruição, e somente a arte é capaz de proporcionar ao indivíduo força para aceitá-la e enfrentá-la. A tragédia grega transforma todo esse horror da vida em beleza. O espírito de Dionísio está, assim, ligado fortemente ao sucesso do mundo grego, e com ele a sua força antitética, Apolo, cuja duplicidade gera a tragédia e o desenvolvimento da arte⁷.

Segundo Nietzsche, a Grécia antiga é marcada por uma forte distinção entre a arte apolínea e a arte dionisíaca. Apolo é o deus da racionalidade, da harmonia, da moderação, da beleza e da ordem, enquanto Dionísio se expressa na embriaguez, na força instintiva, na paixão sensual, e na relação do homem com a natureza. Apolo é o deus da arte figurativa enquanto Dionísio é o deus da música. O espírito apolíneo e o espírito dionisíaco são diferentes entre si, mas estão unidos um ao outro, se completam e se contrabalançam, convivem em harmonia. Para o autor, a articulação entre estes dois espíritos constitui a vida humana, o princípio fisiológico, um não pode estar sem o outro, pois sozinhos levariam ao caos.

É então essa relação harmônica entre o dionisíaco e o apolíneo que constitui, para Nietzsche, a vida e o ser humano. E é este fenômeno magnífico chamado Dionísio que expressa a vivacidade do mundo grego antigo,

Pois somente nos mistérios dionisíacos, na psicologia do estado dionisíaco, expressa-se o fato fundamental do instinto helênico – sua “vontade de vida”. Que garantia o heleno para si com esses mistérios? A vida eterna, o eterno retorno da vida; o futuro, prometido e consagrado no passado; o triunfante Sim à vida, acima da morte e da mudança; a *verdadeira* vida, como continuação geral mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade (Nietzsche, 2006, p.105).

A dissociação entre Apolo e Dionísio gera um problema, a cisão entre os dois espíritos transforma toda a vida em superficialidade, faz desmanchar a relação do

⁶ Quando me refiro aos gregos em geral falo dos gregos da época da Grécia da tragédia, anterior ao surgimento da Filosofia, onde o mito ainda tinha um valor fundamental.

⁷ “Para Nietzsche, a tragédia grega era o coro dionisíaco – a música, o êxtase – manifestando-se através dos elementos típicos do apolíneo – a palavra, a imagem” (Lotério, 2011, p. 153).

homem com o homem, do homem com a natureza e do homem com os instintos. Perde-se uma parte da vida.

O problema da razão⁸ – Sócrates e Platão

A retomada da Grécia antiga empreendida por Nietzsche tem implicações na modernidade alemã. Ele recorre aos gregos se atendo ao presente, à cultura do século XIX que, com toda uma herança socrático-platônica, acreditava fortemente na ciência como conhecimento absoluto e verdadeiro. Tal pensamento aniquilou outra forma extremamente rica, que compreendia uma maneira de interpretar o mundo, a mitologia. O mito grego era uma criação, uma perspectiva de interpretação do mundo, sem ter a intenção de ser a descrição da realidade. O mito era uma forma de o homem se relacionar com o mundo, com a natureza, consigo mesmo, e com seus deuses.

De uma maneira geral acreditava-se ter havido um avanço na passagem da Grécia mítica para o uso exclusivamente lógico da razão, e o surgimento da filosofia. Mas é exatamente neste ponto que Nietzsche firma todo seu questionamento e toda sua crítica a respeito da tradição filosófica, desde Sócrates até a modernidade. Ele subverte toda a visão que se tem sobre a filosofia e o pensamento lógico e científico. Na concepção do autor a filosofia transformou tudo em um modelo específico e restrito de racionalidade, e o mito acabou por ser em grande medida desconsiderado. A ciência queria olhar para a realidade e tirar dali uma interpretação final e lógica. Esse tipo de pensamento deixou que se perdesse algo com relação à vida. Isto porque na passagem da Grécia mítica para o período da análise racional lógica o espírito apolíneo prevaleceu, e o dionisíaco foi severamente reprimido.

O abandono do dionisíaco em prol da racionalidade e da intelectualidade culminou nessa perda da afirmação da vida, que é própria do espírito de Dionísio. Deixou-se para trás o *sim* extasiado dos gregos à vida. Perdeu-se essa forte ligação que o homem tinha com a natureza, com os instintos, com suas forças vitais. Nas palavras de Nietzsche (2006, p. 103) “a filosofia grega como a *décadence* do instinto grego”.

⁸ No caso, é o uso exclusivamente lógico da razão que se torna um problema, pois, para Nietzsche, a razão deve ser vista na realidade, “(...) enxergar a razão na realidade – *não* na ‘razão’, e menos ainda na ‘moral’” (Nietzsche, 2006, p. 103).

Em *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche aprofunda sua avaliação do problema que advém do abandono do dionisíaco e do surgimento da filosofia, da sua racionalidade, e da moral. Ele reconhece nos filósofos uma postura de negação à vida, e vê Sócrates⁹ como o sintoma mais grave do declínio e da dissolução grega, o verdadeiro antigrego. O *problema de Sócrates*¹⁰, como Nietzsche denomina, é essa exaltação do lógico, da razão, do conhecimento científico, uma equação onde *razão é igual virtude e virtude igual felicidade*¹¹. Sócrates está relacionado com a derrota daquilo que Nietzsche denomina gosto nobre, e é contra os instintos dos gregos antigos, disse não à vida, se opôs ao pensamento afirmativo da vida e à tragédia, exaltou unicamente o aspecto lógico-racional dando início, assim, a uma época de decadência presente até os tempos atuais.

Além de Sócrates, Nietzsche assinala Platão como um também pseudogrego, como um dos primeiros decadentes. Em sua concepção, Sócrates e Platão apresentam a mesma postura de negação à vida. O conceito de bom como o supremo vai contra os instintos dos gregos pré-socráticos, “Platão é um covarde perante a realidade – portanto, refugia-se no ideal” (Nietzsche, 2006, p. 103). Foi ele, com toda uma moral, que instaurou a concepção de ideal, de patamar superior, de bem como sustentador do mundo ideal que possibilitou naturezas nobres esbarrarem na “cruz”¹². O autor afirma: Platão é pré-cristão¹³.

Tal concepção platônica de patamar superior, de “bom” como conceito supremo, foi, posteriormente, associada à religião pelo cristianismo. Essa ideia de que a realidade é um mundo aparente e de que existe outro mundo que é o verdadeiro e o ideal, essa existência de dois mundos onde esse é um erro e o outro é a verdade se

⁹ “A filosofia, segundo ele [Nietzsche] representada por Sócrates, o ‘homem de uma visão só’, instaura o predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, do conhecimento científico, da demonstração. Com isso, o homem perde a proximidade com a natureza e suas forças vitais, que mantinha no período anterior e que encontra sua expressão nos rituais dionisíacos, na dança, na embriaguez” (Marcondes, 2001, p. 243).

¹⁰ Cf. Nietzsche, 2006, p. 17.

¹¹ “Tento compreender de que idiosincrasia provém a equação socrática de razão = virtude = felicidade: a mais bizarra equação que existe, e que, em especial, tem contra si, os instintos dos helenos mais antigos” (Nietzsche, 2006, p. 19).

¹² “Na grande fatalidade que foi o cristianismo, Platão é aquela ambiguidade e fascinação chamada de ‘ideal’ que possibilitou às naturezas mais nobres da Antiguidade entenderem mal a si próprias e tomarem a ponte que levou à ‘cruz’” (Nietzsche, 2006, p.102-103).

¹³ Cf. Nietzsche, 2006, p. 103.

aproxima muito da concepção judaico-cristã, como Nietzsche a entende, de que esta vida é um erro e que a outra vida seria o paraíso.

Tem-se então que, na Grécia, na ocasião do nascimento da filosofia, iniciou-se um período que privilegiou a racionalidade, que abandonou o dionisíaco, que concebeu toda uma moral e essa ideia de mundo verdadeiro em contraposição com o mundo real. Esse entendimento se juntou, mais tarde, com o advento da cristianização do mundo. O cristianismo associado com a negação da vida, dos instintos, o cristianismo como platonismo para o povo¹⁴. Para Nietzsche tudo isto foi um mal-entendido,

Sócrates foi um mal-entendido: toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido... A mais crua luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença – e de modo algum um caminho de volta à virtude, à saúde, à felicidade (Nietzsche, 2006, p. 22).

O cristianismo e seu problema com a verdade

Seguindo em sua concepção de vida como valor supremo, e a favor do instinto dionisíaco¹⁵ que marcou o êxito dos gregos na Grécia antiga, Nietzsche consolida não só uma forte crítica a toda cultura ocidental e à tradição filosófica, mas também, e principalmente, ao cristianismo. O ponto principal de sua crítica se encontra nos valores morais, que acabaram ocultando desejos e instintos, travestindo-os como algo ruim e de má natureza.

Em *O anticristo*, o autor empreende uma radical crítica aos valores cristãos e tenta mostrar como o cristianismo desperdiçou e tornou vão todo o trabalho do mundo antigo. Para isso ele analisa o cristianismo desde suas origens e afirma que este cresceu sob um terreno falso. A Igreja Cristã, em proporções incalculáveis, deu continuidade ao fenômeno judaico de contradição dos valores naturais, de falsificação e perversão da natureza, da realidade, do mundo, e da própria religião.

¹⁴ “Para Nietzsche, o cristianismo – em sua associação com o platonismo – constitui a matriz de onde procedem todos os valores cardeais da civilização européia” (Giacoina Junior, 2000, p. 67).

¹⁵ Como explicitado nos tópicos anteriores, Nietzsche considera como princípio fisiológico a co-existência e relação entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco. Porém, como a tradição filosófica reprimiu o dionisíaco e o abandonou, a ênfase de Nietzsche se concentra neste, na tentativa de trazê-lo à luz, de despertá-lo.

Segundo Nietzsche, na história do povo judeu, uma história de “desnaturação dos valores naturais” (2007, p. 30), se falseou o conceito de moral. A moral do *ressentiment*, como o autor denomina a moral judaica, em contraposição à moral nobre, é um não à vida e tudo que se desenvolve dela, inventa para si um novo mundo onde a afirmação da vida é o mal. Que é moral judaica, que é moral cristã? O acaso despojado de sua inocência; a infelicidade manchada com o conceito de “pecado”; o sentir-se bem como perigo, como “tentação”; a indisposição fisiológica envenenada com o verme-consciência (Nietzsche, 2007, p. 31).

Do mesmo modo também se falseou o conceito de Deus, e se introduziu a lei do pecado. Mas, em sua análise da psicologia do Evangelho, o autor explicita que o conceito de pecado existente na religião judaica, como de culpa e castigo, penitência e reconciliação, como aquilo que distancia Deus e homem, é, em última análise, abolido, sendo essa, na visão do filósofo, precisamente a Boa-Nova. A Boa-Nova é um agir diferente, uma nova prática, uma prática evangélica onde não há necessidade de uma fórmula para a relação com Deus, pois apenas essa prática conduz a Deus, na medida em que “a beatitude não é prometida, não é ligada a condições: é a única realidade”. (Nietzsche, 2007, p. 40). Assim, o evangelho negou a doutrina judaica, negou o pecado, a penitência, a oração pelo perdão, a remissão do pecado, a fé, a salvação pela fé, e a reconciliação, pois o que a Boa-Nova veio pregar foi “uma nova conduta, não uma nova fé” (Nietzsche, 2007, p.41). Deste modo, a realidade psicológica do evangelho é a de que a própria prática da vida faz alguém se sentir divino, é esta prática que aproxima o homem de Deus. E é esta a realidade, todo o resto, as condições, o tempo, o espaço, a história, são apenas signos, metáforas, para se falar desta única realidade, sendo assim,

Nada menos cristão do que as cruzeiras eclesiásticas de um Deus como pessoa, de um “reino de Deus” que virá, de um “reino dos céus além, de um “filho de Deus”, a segunda pessoa da trindade. Isso tudo é – perdoem-me a expressão – o murro no olho – ah, que olho! – do evangelho (Nietzsche, 2007, P. 41).

Diante disto, Nietzsche certifica que “houve apenas um cristão, e ele morreu na cruz. O ‘evangelho’ morreu na cruz” (Nietzsche, 2007, p.45). O que conhecemos hoje como cristianismo é a oposição ao Evangelho, é contrário à Boa-Nova. O que a Igreja sacralizou é justamente contrário ao que Cristo pregou e viveu. Segundo o

pensador, é possível distinguir, na maioria dos casos, o cristianismo originário e o cristianismo atual, que transformou o Evangelho em “má nova”, e ainda afirma que aquele cristianismo, autêntico, ainda é possível, “não uma fé, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas, um ser de outro modo...” (Nietzsche, 2007, p.45).

De acordo com Nietzsche, o que modificou a mensagem original do evangelho foi um sentimento de vingança¹⁶ contido nos discípulos. A morte na cruz levou a procurarem um por que, um culpado, instaurou-se neles um sentimento completamente não evangélico, um sentimento de vingança. Assim, o “Reino de Deus” foi transformado em um reino que vem para julgar e punir os inimigos, sendo então uma promessa, ato final. Além disso, elevaram Cristo às alturas e separaram-no de si próprios. “O único Deus e o único filho de Deus: ambos produtos do *ressentiment...*” (Nietzsche, 2007, p.48). Mas como podia Deus permitir a morte na cruz? E foi exatamente aí que introduziram o sacrifício expiatório, a entrega do Filho de Deus para a remissão dos pecados. De tal modo também introduziram na figura de Cristo a doutrina do juízo, a segunda vinda, a morte sacrificial e a ressurreição. Para Nietzsche, tudo isso é contrário ao que Jesus veio pregar, tudo isso pôs um fim num novo começo de paz e felicidade que seria efetiva e não meramente prometida.

A figura de Jesus é um dos pontos centrais no questionamento nietzschiano. Seu confronto com tal figura revela ao mesmo tempo uma visão de caráter “heróico” de Jesus, mas também revela uma posição de negação em relação a ele¹⁷. A questão é que toda a reflexão de Nietzsche acerca da figura de Jesus se concentra não na questão sobrenatural ou nos fatos históricos, mas numa avaliação psicológica deste, a partir da

¹⁶ “Jesus não podia querer outra coisa, com sua morte, senão dar publicamente a mais forte demonstração, a prova de sua doutrina... Mas seus discípulos estavam longe de perdoar essa morte – o que teria sido evangélico no mais alto sentido; ou mesmo oferecer-se para uma morte igual, com meiga e suave tranqüilidade no coração. Precisamente o sentimento mais ‘inevangélico’, a vingança, tornou a prevalecer. A questão não podia findar com essa morte: necessitava-se de ‘reparação’, ‘juízo’ (– e o que pode ser menos evangélico do que ‘reparação’, ‘castigo’, ‘levar a julgamento’!)” (Nietzsche, 2007, p. 47).

¹⁷ Como procura evidenciar Marco Vannini, o confronto com a figura de Jesus ocupa um lugar de excelência na reflexão de Nietzsche, que, mais do que empreender uma análise psicológica do Redentor, assume uma postura de identificação com o mesmo. Em um primeiro momento, Nietzsche, dentro de sua crítica à religião cristã, distingue Cristo e Cristianismo, empreendendo contra este último uma condenação sempre mais forte, sobre isso, Giovanni Reali e Dario Antiseri defendem que Nietzsche foi tomado pela figura de Jesus, que é visto por ele como “espírito livre”. Num segundo momento, influenciado pelas reflexões de Dostoiévski, Nietzsche descreve Jesus como “idiota” e enfermo. O importante é ressaltar que, a análise psicológica que Nietzsche faz de Jesus e a identificação que posteriormente estabelece com esta figura, é não espiritual (Cf. Vannini, 2003, 501-519).

qual ele traça deste a concepção de Jesus como “herói” e “gênio”, até a concepção de “idiota”.

O que me importa é o tipo psicológico do Redentor. (...) Não a verdade quanto ao que fez, o que disse, como realmente morreu; mas a questão de o seu tipo ser concebível, de haver sido “transmitido”. (...) Se existe algo não evangélico, é o conceito de herói. (...) Fazer de Jesus um *herói*! – E que mal-entendido é sobretudo a palavra “gênio”! Nada de nosso conceito de “gênio”, um conceito de nossa cultura, tem algum sentido no mundo em que vive Jesus. Falando com o rigor do filósofo, caberia uma outra palavra aqui – a palavra “idiota” (Nietzsche, 2007, p.35-36).

A compreensão nietzschiana a respeito da figura de Jesus se encontra assim dividida. Por um lado, é visto como aquele que negou a doutrina judaica, a organização social de sua época, e que com um espírito anárquico evocou os excluídos para a resistência contra a ordem estabelecida, foi o portador da boa-nova que veio trazer para a humanidade uma nova prática. Mas, por outro lado, Jesus foi aquele que implantou “ódio instintivo a toda realidade” (Nietzsche, 2007, p.36). Assim, o pensador se refere a Jesus como um “interessantíssimo *décadent*” (Nietzsche, 2007, p.38), como aquele que promoveu a mistura entre o sublime, o enfermo e o infantil.

Porém, para Nietzsche, o problema central do cristianismo não se encontra completamente na figura de Jesus, mas sim na dos discípulos e principalmente na figura de Paulo. Segundo ele, com a morte do Redentor iniciou-se um processo de decadência que se intensificou com Paulo, pois foi ele quem falseou toda a história anterior do cristianismo e inventou uma nova. Acima de tudo Paulo tinha necessidade de poder e transformou toda a história do cristianismo em objeto de fé para os “idiotas” (Nietzsche, 2007, p. 49), utilizando-o como forma de manipular multidões. E isto através da doutrina do Juízo. Desviando o centro de gravidade da vida para o além, na ideia de Jesus ressuscitado, Paulo inventou um meio de tirania, essa fé na imortalidade. Segundo Nietzsche, tal fé vai contra toda a realidade, todos os instintos, toda a natureza. O instinto passa a ser não mais sinônimo de vida, de algo benéfico, mas sim motivo de desconfiança.

É justamente pelo fato de o instinto ser visto com desconfiança, porque gera culpa e pecado, que o indivíduo tem a necessidade da salvação. A doutrina da imortalidade, segundo a qual todos nós somos almas imortais, coloca todos numa mesma posição. Tal concepção de direitos iguais tem como veneno a “salvação da

alma” que é, de acordo com Nietzsche, um tipo de egoísmo, uma “lastimosa adulação da vaidade pessoal” (Nietzsche, 2007, p.50), e expressa a vitória do cristianismo.

O fato de cada um, sendo “alma imortal”, ter o mesmo nível de qualquer outro, de na totalidade dos seres a “salvação” de cada indivíduo reivindicar uma importância eterna, de pequenos santarrões e três quartos malucos poderem presumir que as leis da natureza são constantemente infringidas por sua causa – uma tal exacerbação ao infinito, ao despuorado, de toda espécie de egoísmo não pode ser ferreteada com suficiente desprezo. (...) A “salvação da alma” – em linguagem clara: “o mundo gira à minha volta” (Nietzsche, 2007, p.50).

A necessidade da salvação da alma advém então da desconfiança perante os instintos, sendo assim, esta doutrina cristã é, em última análise, a salvação da própria vida terrena. Expressando-se também como negação à vida, tem-se a compaixão cristã, isto porque, ela vai contra os fatos e os instintos que enobrecem a vida, segundo Nietzsche, “nada é tão pouco sadio, em meio à nossa pouca sadia modernidade, como a compaixão cristã” (Nietzsche, 2007, p.14). Segundo ele, a compaixão é nociva à vida, pois vai contra a lei da seleção. Além disso, compadecer-se é perder a força. O cristianismo tem como maior obstáculo a compaixão, pois ela é utilizada como instrumento de fraqueza. Ele afirma, citando Schopenhauer, que:

“Através da compaixão a vida é negada, tornada digna de negação” – compaixão é a prática do niilismo. Repito: esse instinto depressivo e contagioso entrava os instintos que tendem à conservação e elevação do valor da vida: é um instrumento capital na intensificação da *décadence*, como multiplicador da miséria como conservador de tudo que é miserável – a compaixão persuade ao *nada!* (Nietzsche, 2007, p.14)¹⁸.

Este mundo de ficções criado pelo cristianismo, tanto na moral quanto na religião, nega e desvaloriza a realidade. A ideia de mundo ideal em contraposição ao mundo real, e essa ideia de desligamento dos prazeres da vida para se chegar a algo melhor, ao céu, o que se equipara ao Mundo das Ideias de Platão, essa “moral do aperfeiçoamento”, que no cristianismo se expressa como ascensão, para Nietzsche se expressa como descenso.

¹⁸ É importante ter em mente que a crítica de Nietzsche é direcionada a um sentido específico de compaixão. Sendo assim, não é toda compaixão que deve ser negada, mas aquela que é, em última análise, negação da vida.

O próprio conceito de Deus, constituído como oposto ao conceito de natureza, coloca tudo o que é natural como algo desprezível, “todo esse mundo fictício tem sua raiz no ódio ao natural (a realidade!)” (Nietzsche, 2007, p. 21). Foi Paulo, mais uma vez com a mentira da fé, que inventou “Deus”, chamou de “Deus” unicamente sua vontade. Um “Deus” que se reduz ao nada, que é contra a sabedoria do mundo. Segundo Nietzsche, o Deus cristão está em contradição com a vida, enquanto deveria ser sua exaltação, sendo assim ele expressa ódio à vida e à natureza¹⁹. Ele vê Deus como algo lamentável, um crime contra a vida.

Dentro de todas essas concepções, o cristianismo nega as necessidades e valores vitais. Ele é abdicação dos instintos, dos desejos, é contra o prazer, pois tudo o que é instinto é pecado. “O pecado, diga-se mais uma vez, essa forma de autoviolação humana” (Nietzsche, 2007, p.59). Assim, o cristianismo, do mesmo modo que fizeram Sócrates e Platão, privilegia o espírito apolíneo e empreende toda uma moral. O homem acaba perdendo sua relação com a natureza, com o próprio homem, com os instintos. A consequente cisão entre os dois espíritos que expressam o princípio fisiológico desencadeia, portanto, uma perda com relação à vida, pois já não há mais a relação harmoniosa entre o dionisíaco e o apolíneo que é justamente o que constitui a vida humana enquanto união desses princípios. Ao final do livro *Ecce Homo* Nietzsche afirma: “Dionísio diante do Crucificado” (Nietzsche, 1995, p. 117).

Todo o trabalho do mundo antigo em vão: não tenho palavras para exprimir meu sentimento em relação a algo de tão tenebroso. E, tendo em vista que seu trabalho era algo preliminar, que apenas o alicerce para um trabalho de milênios fora estabelecido com uma autoconsciência de granito, todo o sentido do mundo antigo em vão!... Para que os gregos? (Nietzsche, 2007, p.75)

É com este sentimento, de certo modo nostálgico, com relação aos gregos, que Nietzsche percebe a necessidade do anúncio da morte de Deus. Este, contudo, deve ser visto sob a perspectiva do fim da metafísica, de modo que, como explicitado por Giovanni Reale e Dario Antiseri, a morte de Deus é o acontecimento que liberta os homens do mundo sobrenatural que eles mesmos criaram²⁰. Como exemplo de metafísica a filosofia de Platão será tomada.

¹⁹ Cf. Nietzsche, 2007, p.23.

²⁰ Cf. Reale; Antiseri, 1999, p. 430.

Platão tinha a intuição de que tudo que existe está em transformação e ao mesmo tempo tem uma identidade, assim, ele considera que tudo que existe possui uma identidade imutável e uma matéria mutável. No intuito de responder à questão de como identidade e transformação se articulam, Platão elabora a doutrina das ideias, segundo a qual é necessário ter um conhecimento meta-empírico que constitui a identidade e auxilia a percepção da transformação.

Segundo ele, as ideias estão em um mundo superior onde se apresentam de forma perfeita. Deste modo, existem dois âmbitos distintos da realidade, um que se expressa como sendo a realidade verdadeira e ideal²¹, e outro que é o mundo concreto. De tal forma, tudo o que se encontra no mundo sensível ou aparente, que é oposto à realidade inteligível, é uma cópia destas formas ideais, puras, perfeitas. Nossa alma, nossa verdadeira essência, participante do mundo inteligível, absorve essas ideias puras. Porém, quando ela está prisioneira de nosso corpo, esquece aquilo que outrora havia contemplado. Deste modo, há um procedimento de relembrar tais noções do mundo das ideias, sendo este o conhecimento verdadeiro.

Mas tais formas, que se refletem imperfeitamente na realidade aparente, precisam ter uma origem. É preciso haver algo que dê origem a estas ideias. Assim, a concepção de Bem é o que sustenta o mundo das ideias, é a suprema realidade, é uma ideia de Deus, de divindade, que “é a causa produtora de todas as outras ideias que são as formas gerais do universo” (Giacoia Junior, 2000, p.22-23). Assim, “Um espírito, ou razão pura, e um bem em si (um bem ou valor cuja vigência é universal e necessária) constituem as referências metafísicas que dão sustentação tanto ao conhecimento científico quanto às ações morais do ser humano no mundo” (Giacoia Junior, 2000, p.23).

Sendo o cristianismo, para Nietzsche, uma versão vulgar do platonismo, ou platonismo para o povo, o anúncio da “morte de Deus” consistiria em se acabar com esse modo metafísico de pensamento, com essa concepção de mundo ideal cuja vida tem que espelhar uma perfeição, e com a oposição entre aparência e realidade, verdade e

²¹ “(...) concepção dualista do universo, estabelecendo uma oposição de valores entre duas esferas distintas da realidade ou do ser: de um lado, existe um domínio ideal, considerado como o *verdadeiro mundo* ou a *realidade verdadeira*, assim denominado por ser o plano das essências, isto é, aquilo que, em todo e qualquer fenômeno constitui sua pura forma ou conceito.” (Giacoia Junior, 2000, p. 22)

falsidade, bem e mal, que sustenta toda a noção metafísica. Em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche (2006, p.32) afirma:

O “mundo verdadeiro” – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada – ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la! (Dia claro; café da manhã; retorno do *bon sens* [bom senso] e da jovialidade; rubor de Platão; algazarra infernal de todos os espíritos livres.). Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!* (Meio dia; momento da sombra mais breve, fim do longo erro, apogeu da humanidade, INCIPIT ZARATHUSTRA [começa Zarathustra])

Tal evento significa não só acabar com a ideia de Deus, mas tudo que está atrelado a ela e que implica negação à vida, como a moral. Seria o fim da moral tradicional e aceitação dos valores vitais, pois o que justifica a vida é a própria vida, não há necessidade de nada externo para justificá-la.

Com a experiência da morte de Deus é possível colocar em questão o valor dito absoluto, o valor da verdade. Torna-se possível “colocar em questão a crença na origem divina e no valor absoluto da verdade” (Giacioia Junior, 2000, p.24). O que Nietzsche faz a partir do anúncio da morte de Deus é problematizar a nossa concepção de verdade e os valores que julgamos absolutos e que surgiram dela.

Com a superação e o fim da concepção de um além metafísico, empreendida pelo anúncio da morte de Deus, Nietzsche possibilita ao homem aceitar a totalidade da vida com todo o sofrimento e alegria que ela pode proporcionar, “pois eles se condicionam mutuamente e aquele que deseja, de fato, as venturas não pode amputar as dores do mundo” (Giacioia Junior, 2000, p.60). Assim, somente quando o homem não necessitar mais de fugas metafísicas, que em geral tomam o lugar da vida e vão contra ela, é que será possível para ele dizer sim à vida da maneira que ela é. O homem será capaz de desejar vivê-la quantas vezes forem necessárias, do mesmo modo, com as mesmas dores e prazeres, sempre a exaltando.

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e lhe dissesse: “esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer, cada suspiro e pensamento, e tudo que é inegavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também este instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!” Você não se

prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (Nietzsche, 2001, p.230).

O eterno retorno do mesmo é este ensinamento de que o homem necessita aprender a viver cada instante como se cada ato e agir fosse se repetir por incontáveis vezes. Para Nietzsche, a condição para o eterno retorno é assumir o trágico, se encontra, portanto, no dionisíaco. A tragédia está intimamente ligada ao dionisíaco, porque está ligada ao movimento da vida, é uma forma de transformar o sofrimento em estímulo, de fazer com que o homem supere obstáculos, e transforme todo o horror da vida em beleza.

O conhecimento definitivo sobre o que é a psicologia da tragédia (...). ‘O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga – assim o entendeu Aristóteles – mas para, além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir a ser (...)’ (Nietzsche, 1995, p.63-64).

Assim, o homem deve viver de modo a exaltar e amar a vida. Viver na perspectiva do eterno retorno é, então, viver a vida da maneira que ela é, o *Amor fati*²², o amor à vida mesmo com o sofrimento que nela existe. Para Nietzsche só é possível desejar o eterno retorno da vida quem a viver de forma plena, quem ama seus fatos e seu destino, quem ama sua existência.

Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor. Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única acusação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (Nietzsche, 2001, p.187-188).

²² “Viver cada instante, cada dia, cada ano com toda a intensidade de vida que um homem pode fazê-lo, isso é sublimidade do *amor fati*, ser um afirmador da vida.” (Sousa, 2009, p. 26)

Conclusão: Nietzsche como o “alegre mensageiro” – o alcance da afirmação da vida terrena

O ponto central de todo pensamento nietzschiano se encontra na vida, na afirmação e exaltação da vida, na vida como valor absoluto. Para Nietzsche, a concepção de tal não é nada mais do que a relação de harmonia entre o apolíneo e o dionisíaco, relação esta que permite aos homens a proximidade com a natureza, e ao mesmo tempo consigo próprios. Aparentemente contraditórios, esses dois espíritos expressam as dualidades e os conflitos da condição humana – instinto e razão, sofrimento e alegria, vida e morte – recriados na tragédia grega. A arte trágica é a condição para aceitação da verdadeira vida, pois através dela é possível a “cura” da dor e do sofrimento humano, através dela é possibilitado que o homem crie estímulos para ultrapassar obstáculos, sem que sejam necessários escapes metafísicos, que no geral negam a vida, pois negam este mundo, a natureza, os instintos.

Ora, mas a própria tradição filosófica negou e abandonou o dionisíaco desde a passagem da Grécia mítica para o uso lógico da razão até a modernidade. Por tal motivo Nietzsche enfatiza Dionísio e intenta despertá-lo, já que para o autor a história da humanidade posterior à Grécia da arte trágica, se desenvolveu em um constante e marcante distanciamento entre o homem e a natureza, como se instinto e razão fossem concepções opostas do ser humano. O problema é que a crença máxima na razão e na ciência amputa o homem da capacidade de lidar com suas limitações.

O que se inicia com Sócrates é, então, essa exaltação da razão humana e a conseqüente depreciação dos instintos. O que era a marca e a vitória do heleno antigo passou a ser visto de forma diferenciada e foi severamente reprimida a partir do momento em que o homem se sentiu distinto devido ao uso da razão. Então, o que se inicia com Sócrates é uma postura de negação da vida. Postura também presente em Platão, cuja ideia de dualismo e oposição entre dois mundos influenciou a religião, e possibilitou que Nietzsche se referisse ao cristianismo como platonismo para o povo.

Assim, toda a crítica que Nietzsche empreende ao cristianismo está voltada para esta concepção de um *além*, que consiste na realidade dita verdadeira, em total oposição à realidade terrena, entendida enquanto erro. Toda a análise que o autor faz a respeito da história do cristianismo e da psicologia do evangelho e da figura de Jesus,

revela como a ideia de patamar superior, de mundo ideal, reflete na negação da vida. A concepção de pecado, a moral do aperfeiçoamento, a ideia de salvação, e a de compaixão, tudo isso são aspectos que revelam a visão negativa que se tem do instinto. A vida terrena, a natureza, os valores vitais, são negados, são considerados pecados, é preciso que o homem se desligue dos prazeres da vida para chegar ao céu, e é consequência que o homem acredite na salvação de modo que tudo que é instinto é ruim, é pecado.

O anúncio da morte de Deus vem da necessidade de se acabar com esse modelo popular de dualismo platônico. Tal evento significaria, além do fim da moral e do início da exaltação dos valores vitais, o fim daquilo que julgamos como verdade, pois a verdade da religião e da filosofia vem da crença metafísica. O livro *Crepúsculo dos ídolos* demonstra essa dissolução da verdade, daquilo que é dito verdade tanto na religião como na ciência, “o que no título se denomina *ídolo* é simplesmente o que até agora se denominou verdade. *Crepúsculo dos ídolos* – leia-se: adeus à velha verdade...” (Nietzsche, 1995, p.99).

Somente com a superação do além metafísico que Nietzsche acredita que o homem será capaz de aceitar a vida da maneira que ela é. A vida que carrega em si o sofrimento e a alegria, a vida que é a relação do homem com a natureza e com o próprio homem. A sua aceitação, sua exaltação, amor pelos seus fatos, amor pelo destino, só assim o homem será capaz de sempre desejá-la. Eterno retorno, *amor fati*. Tais ensinamentos são intimamente ligados à tragédia e a Dionísio, ser trágico, ser dionisíaco é viver de tal modo que a vida não necessite de justificativa, ou de um sentido além dela, pois todas as suas barreiras e obstáculos serão transformados em estímulos, em vontade de vida.

Assim, subvertendo toda a visão que se tem da ciência, da filosofia, e da religião, Nietzsche consegue dissolver alguns dos principais pilares da concepção de verdade no ocidente. Para ele, o que conhecemos como verdade é mentira, é apenas o valor metafísico vulgarizado. Porém, apesar de contradizer e exaltar o oposto da nossa verdade, Nietzsche não se considera um “espírito negador”²³, pelo contrário, se considera um “mensageiro alegre”²⁴, que exalta a vida e dá a fórmula para um novo destino, tornar-se o que se é, deixar aflorar a natureza dionisíaca, dizer sim à vida,

²³ Cf. Nietzsche, 1995, p.109.

²⁴ Cf. Nietzsche, 1995, p.109.

exaltá-la e amá-la. A verdade fala em mim. – Mas a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se à mentira verdade. (...) Eu fui o primeiro a descobrir a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira (Nietzsche, 1995, p. 109).

Bibliografia

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche. *Folha explica*. São Paulo: Publifolha, 2000.

LOTÉRIO, Rafael. *Mito & Música: o trágico no jovem Nietzsche*. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 243 – 245.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: maldição ao cristianismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Ecce Homo: Como Alguém se Torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 421-437.

SOUSA, Mauro Araujo de. *Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é*. São Paulo: Paulus, 2009.

PENZO, Giorgio. O divino como problematidade. In: GIBELLINI, Rosino; PENZO, Giorgio. (Orgs.). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

VANNINI, Marco. Friedrich Nietzsche: Uma relação de amor-ódio com Jesus e uma surpreendente tentativa de identificação. In ZUCAL, Silvano. (Org.). *Cristo na filosofia contemporânea*. São Paulo: Paulus, 2003.

ZILES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 163-184.